

# ARTES VISUAIS E EDUCAÇÃO: CONTEMPLANDO O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DO ALUNO

## VISUAL ARTS AND EDUCATION: CONTEMPLATING THE INTEGRAL DEVELOPMENT OF THE STUDENT

Michele Aparecida Greggato Carpini\*  
Camila Mendes Garcia\*\*

### RESUMO

O presente estudo busca evidenciar a importância das Artes Visuais e sua aprendizagem na educação. A arte dentro da escola percorreu longo caminho para ser analisada como uma ciência e a partir de então ser reconhecida institucional e educativamente. Dentro das salas de aulas, se bem refletidas e trabalhadas, podem atingir os campos cognitivos, afetivos e motores do aluno, uma vez que atua em diversas áreas da linguagem artística. Através dela, é possível estimular aprendizagens artísticas como pintura, desenho, arte tridimensional, recortes, colagens, esculturas, observação de quadros, contextualização de épocas e lugares, sentimentos e expressões. Partindo de uma revisão de literatura de vários autores e documentos legais que embasam o ensino de artes foi possível correlacionar ideias que defendem o ensino de artes como disciplina enriquecedora na formação dos alunos.

**Palavras-chave:** Aprendizagem. Artes Visuais. Desenvolvimento.

### Introdução

Desde muito pequenos estamos inseridos num mundo repleto de estímulos visuais. Uma das primeiras ações da criança – seu movimento - sobre uma superfície são os “desenhos”, mesmo que sem intencionalidade primária na execução da ação.

Estamos expostos a arte seja em sua maneira mais simples como também de jeitos que muitas vezes nem percebemos a complexibilidade – observação, reflexão e produção.

Esta pesquisa partiu de revisão literária de diversos autores que abordam o tema da arte contextualizada no ambiente educativo. Se deu através de leitura de livros e artigos científicos buscando relacionar pensamentos e ideias através do presente texto, amparado por conceitos de pesquisadores como Barbosa (1991) e um acervo documental do governo que embasa o currículo e propostas pedagógicas para a educação Brasileira.

Diante disso, o trabalho tem como objetivo salientar a importância das artes dentro

---

\* Graduada em Pedagogia pela Fundação Hermínio Ometto – FHO. [michelegreggato@yahoo.com.br](mailto:michelegreggato@yahoo.com.br)

\*\* Graduada em Pedagogia pela Fundação Hermínio Ometto – FHO. [milamendes09@yahoo.com.br](mailto:milamendes09@yahoo.com.br)

da educação e seu reflexo direto para a formação educacional e social do aluno, e um apanhado sobre a arte e o desenvolvimento das capacidades e habilidades do aluno.

Uma vez que estamos no mundo das tecnologias, temos acesso rápido a várias esferas da arte, seja em obras de arte, filmes, música, ou qualquer outro veículo de divulgação artística.

A arte, passou por enormes transformações e teve um longo percurso até a sociedade compreender seus propósitos. Na educação também teve muitas alterações para conseguir o destaque que tem hoje – desde a nomenclatura da matéria como disciplina a uma visão profissional da área.

Essa atividade social é vinculada as manifestações do campo estético e comunicativo, perpassando por várias linguagens como desenho, pintura, escultura, música, escrita, dança, arquitetura, teatro, cinema, fotografia e outras combinações.

A arte se define em teoria pela percepção e expressão de emoções e ideias, que para o artista e para quem a observa podem ter significados únicos. O que define uma obra, de fato, se altera de acordo com as culturas e tempos da sociedade, uma vez que a construção cultural muda significativamente o sentido da obra. Por isso é necessário evidenciar o estímulo para observação e produção, uma vez que, nas escolas, os alunos têm cada vez mais acesso através de diversos meios.

A arte no ambiente educacional, desde as primeiras etapas podem estimular todas as áreas do conhecimento e habilidades da criança e a partir desta adquirir e aperfeiçoar competências e habilidades múltiplas, seja no processo de criação ou de apreciação.

### **A evolução da educação artística**

A arte, historicamente dizendo, é uma ciência que ao longo dos tempos teve sua luta para ser reconhecida institucionalmente. No Brasil, ela passou por diversas metodologias, e, na grande maioria, seu uso foi sem alguma adaptação desde os tempos da colonização com os jesuítas inferiorizando a cultura dos índios através da retórica e manufatura, atravessando tempos como a negação do estilo barroco em favorecimento do movimento neoclássico. Portanto, no século XX, iniciou-se grande preocupação com o ensino da Arte. Para Silva *et al.* (2010), o que antes de resumia em ensino do desenho, visto como formação técnica, subdividido em desenho geométrico, desenho natural e desenho pedagógico, foi considerado como funcional na vivência artística.

No currículo estabelecido em 1971, as artes eram aparentemente a única

matéria que poderia mostrar alguma abertura em relação às humanidades e ao trabalho criativo, porque mesmo filosofia e história haviam sido eliminadas do currículo. Naquele período não tínhamos cursos de arte-educação nas universidades, apenas cursos para preparar professores de desenho, principalmente desenho geométrico (BARBOSA, 1978, p. 170).

Com isso, nesse mesmo século, a pedagogia traz uma nova concepção do lugar na arte dentro da educação. Ao mesmo tempo em que a criança começa a ser vista como sujeito dentro da sociedade, com especificidades próprias, não mais o adulto em miniatura que era considerada, e passa a ser estudada suas necessidades, o desenho da mesma também passa a ser objeto do estudo no seu campo cognitivo, explicam Silva *et al.* (2010).

Em 1922, a Semana da Arte Moderna contesta os modelos tecnicistas da educação voltada para o trabalho e surge a valorização do desenho infantil, e conseqüentemente, nos anos 30, escolas destinadas ao ensino de artes para crianças e adolescentes começam a ganhar espaço. Segundo Silva *et al.* (2010), nos anos 40, a arte e seu ensino ganham espaço além da escola, com escolinhas de arte específicas que enalteciam a livre expressão como busca de identidade. Essas escolas entraram com parceria governamental e criaram iniciativas de cursos de formação para educadores. Nos anos 70, então, o ensino é influenciado por Lowenfeld e Hebert Read, com ideias sobre o espontaneísmo e *laissez-faire*.

Com a Lei de Diretrizes e Bases nº 5.692/71, totalmente tecnicista, que visava a educação como ação significativa e produtiva, inseriu no currículo a Educação Artística através de diferentes linguagens formando o ensino de artes polivalente.

Entretanto, tal lei, não exemplificava a formação do professor e sua qualificação, então o que tinha objetivo de melhoria do ensino, enfraqueceu tal processo. De acordo com Silva *et al.* (2010), foi em 1973 que criaram os cursos superiores de Educação Artística, tendo a opção de uma licenciatura curta de dois anos ou plena de quatro anos.

A Lei Federal que tornou obrigatório artes nas escolas, entretanto, não pôde assimilar, como professores de arte, os artistas que tinham sido preparados pelas Escolinhas, porque para lecionar a partir da 5ª série exigia-se o grau universitário que a maioria deles não tinha. O Governo Federal decidiu criar um novo curso universitário para preparar professores para a disciplina Educação Artística criada pela nova lei. Os cursos de arte-educação nas universidades foram criados em 1973, compreendendo um currículo básico que poderia ser aplicado em todo o país (BARBOSA, 1989, p. 170).

Os cursos continham um currículo que contemplava o conhecimento de música,

artes plásticas e linguagens, porém não tinham um viés filosófico, em que os professores se sentiam despreparados diante dos conhecimentos básicos da arte, o que gerou desagrado, uma vez que ao terminar o curso se sentiam inseguros, despreparados e sem capacidade, a única base para o ensino eram os livros didáticos de Educação Artística, defendem Silva *et al.* (2010).

Dentro da escola, a arte era usada como passatempo, fonte de lazer e relaxamento para os alunos, sem ser evidenciada como área do conhecimento. Foi com a nova lei, a LDB (lei nº 9.394/96), que é substituída a Educação Artística e passa a contemplar a disciplina de Arte como área do conhecimento oficial.

Tal alteração não foi apenas em seu nome, mas sim em toda sua estrutura como área do conhecimento integrante do currículo. O que antes era mera atividade de recreação, passa a ter um compromisso de ensino, com conhecimentos efetivos na disciplina, envolvendo manifestações artísticas, entendimento da arte como um campo linguístico, e expressão do indivíduo, ponderam Silva *et al.* (2010).

As Artes que normalmente lidam com a visão como seu meio principal de apreciação costumam ser chamadas de Artes Visuais. Porém as artes visuais não devem ficar restringidas apenas ao visual, pois, através dessas manifestações artísticas (desenho, pintura, modelagem, recorte colagem entre outros), há vários significados que o artista deseja passar. (...) As Artes Visuais são linguagens, por isso são uma forma muito importante de expressão e comunicação humanas, isto justifica sua presença na educação infantil. O ensino de Arte aborda uma série de significações, tais como: o senso estético, a sensibilidade e a criatividade. Atualmente, algumas ações estão interferindo qualitativamente no processo de melhoria do ensino e aprendizagem de Arte (SILVA *et al.*, 2010, p. 97).

A Proposta ou Metodologia Triangular vem sendo explorada por abranger a cultura integrando as vertentes do conhecimento em Fazer artístico, Leitura da imagem e Contextualização da história. Atualmente, de acordo com Silva *et al.* (2010) também está inserido no ensino de Arte a educação estética do cotidiano como complemento da formação artística dos alunos.

### **O ensino de artes na formação do aluno**

Durante muitos anos a disciplina escolar atualmente conhecida como Artes Visuais, denominada em outros tempos como Educação Artística se resumia apenas em atividades de marcas gráficas e plásticas, e em sua grande maioria, tais atividades eram

descontextualizadas dá área do conhecimento de artes, propriamente falando, uma vez que os alunos não tinham contato com diversas formas artísticas. O contato com obras de artes então, raras vezes aconteciam, uma vez que acreditavam que tal ação prejudicava a espontaneidade e criatividade das crianças, - quando se refere as obras nacionais, mais distanciamento existia - e as imagens, obras e objetos do âmbito artístico eram pouco ou nada explorados, e sem acesso a tal acervo artístico, de expressão cultural da humanidade e de todo um passado repleto de riquezas, o aluno era considerado analfabeto nas artes visuais, como descreve Kehrwald (2000).

No Brasil, somente em 1980 ideias mais complexas foram se introduzindo na educação percorrendo a arte além da expressão, mas também como área do conhecimento, e como componente sensível e inteligente sobre o comportamento e relacionada com cognição e emoção, surgindo uma proposta de ensino que se norteava na própria arte visual e sua bagagem histórica, execução e apreciação, como explicada por Kehrwald (2000) e Ana Mae Barbosa (1991), sobre o inter-relacionamento do fazer artístico, a leitura e a contextualização das obras, futuramente organizada nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino de Arte.

O educador Paulo Freire (1993), já possuía como ideia base de que o aluno necessita aprender a realizar a leitura do mundo que o cerca, não de maneira automática, mas sim relacionando as linguagens e a realidade a seu entorno, ampliando seus olhares. Trazendo as artes para esse viés educativo, o conceito de leitura deve ser aumentado para a decodificação e entendimento de expressões linguísticas, símbolos, imagens, que envolvam as esferas emocionais, intelectuais, culturais, neurológicas e sensoriais do mundo em que se vive, utilizando todos os sentidos humanos para tal tarefa, explica Kehrwald (2000).

Assim, a tarefa de ler, vai muito além de decodificar palavras, frases e textos, assim sucessivamente. Segundo Kehrwald (2000), a leitura é basicamente a interpretação, entendimento, descrição, decomposição e recomposição de tudo que os olhos conseguem abranger, podendo ser usada em imagens e objeto, que também representam um sistema de símbolos com infinitas possibilidades de compreensão, variando de acordo com o leitor e suas experiências de vida, de imaginação, lembranças e da bagagem que carrega.

A verdadeira educação artística, a educação estética, não é espontânea, mas sim um ato mediado, onde o professor, através de suas intervenções desenvolve a criticidade e sensibilidade através de suas interferências, ampliando e ensinando a se olhar tais obras, pondera Kehrwald (2000).

[...] A Educação Artística deve integrar três facetas do conhecimento: o fazer artístico, a análise de obras e a história da arte, com o intuito de estimular o aluno, em vivências práticas e teóricas, trabalhos individuais e coletivos, a se tornar uma pessoa fluidora de arte, ou seja, capaz de expressar e se comunicar em artes (BARBOSA, 2002 *apud* MOREIRA; SCHWARTZ, 2009, p. 208).

Em uma perspectiva voltada para o lúdico, o fluir artístico auxilia nas sensações e percepções, o conhecimento de si mesmo e dos materiais, o lúdico e a arte caminham juntos e possuem grande carga afetiva e emocional, tal qual se reflete de maneira benéfica no indivíduo conseguindo atingir transformações de pensamento e de ações, canalizando sentimentos e dando novos significados a realidade como apontam Moreira e Schwartz (2009).

Desde muito pequeno o ser humano demonstra curiosidade no mundo ao seu redor, para tal descoberta, ele emite sons, movimentando seu corpo e rabisca tudo que encontra. Todas essas ações acontecem de maneira espontânea, sem mesmo ser estimulado para isso. Através dessas ações, artísticas, por assim dizer, ela expressa suas emoções e coloca na prática sua criatividade. Ao se considerar tal fato e contextualizando com essa ação no ambiente educacional, é imprescindível as artes visuais na interação da criança. Na escola, o professor pode usar desse recurso para trabalhar o lado afetivo e social dos alunos. Na visão de Silva *et al.* (2010), o uso das artes na escola, como disciplina, efetiva o desenvolvimento de cinco linguagens que são utilizadas no cotidiano das crianças.

O desenho, que desde cedo a criança descobre que seus gestos se imprimem em uma superfície, se iniciando nas garatujas, que, com seu desenvolvimento e novas experiências evoluem e ganham linhas, cores, ordenação e a partir deste ela expressará tudo o que vive e seus sentimentos, como um reflexo do mundo. A ação do desenho auxilia no desenvolver da criatividade e memorização, que futuramente ajudará até mesmo nas aprendizagens matemáticas, sendo assim, o desenho para a criança além de prazeroso é fundamental, tanto nos aspectos de desenvolvimento físico como cognitivo e “merece ser tratado como mais que simples rabiscos, sendo valorizado como um auxiliar importante no desenvolvimento da criança” (Silva *et al.*, 2010, p. 99).

Por meio de diferentes gestos em um plano vertical (ou pelo menos inclinado), a criança aprende a segurar corretamente o giz e o lápis. Para que a criança adquira um traço regular, precisará trabalhar com certa rapidez, sobre uma grande superfície colocada a sua altura. A criança que não domina bem seu gesto será solicitada a trabalhar, sobretudo, com o ombro e o cotovelo: fará então desenhos grandes. Somente mais tarde, quando os movimentos altura do ombro e do cotovelo tornarem-

se desenvolvidos, faremos diminuir as proporções dos desenhos, exigindo assim da criança um trabalho mais específico do punho e dos dedos (BRASIL, 1998, p. 106).

A pintura, como defende o autor a cima, também é uma linguagem artística e tem objetivos além do prazer da manipulação do pincel. É possível estabelecer relações com inúmeros materiais e superfícies influenciando na habilidade motora, o que auxiliará futuramente em sua alfabetização e o desenhar das letras. Nesta tarefa, ela irá observar imagens, transformar e reconstruir através de elementos, formas e texturas.

A pintura pode ser definida com a arte da cor. Se no desenho o que mais se utiliza é o traço, na pintura o mais importante é a mancha da cor. Ao pintar, vamos colocando sobre o papel, a tela ou a parede cores que representam seres e objetos, ou que criam formas (COLL; TEBEROSKY, 2004, p. 30).

Outra linguagem a ser desenvolvida pelas artes é a arte tridimensional, que está sempre presente na vida da criança através da curiosidade explorada pelo sentido do tato. Na escola, os profissionais têm a oportunidade de explorar tal interesse através de atividades que envolvam modelagem e conceitos de altura, largura e profundidade. Essa ação sensorial estimula a motricidade e criatividade das crianças, explica Silva *et al.* (2010).

A mídia e a arte também estão diretamente envolvidas no processo educacional, ainda mais nos dias de hoje. Na era da informação, a informática já não é mais novidade para os alunos, e seu acesso está presente em praticamente todas as classes sociais. No ambiente educativo tal recurso deve servir como meio de divulgação da produção artística. Nesse tempo moderno, os alunos têm acesso à todas as obras, de artistas renomados em um só clique, podendo se inserir em várias culturas e momentos da história. “É a arte visual se atualizando e se modificando, sem, contudo, abandonar a grande razão da existência da arte que é a expressão de ideias e sentimentos” (SILVA *et al.*, 2010, p. 101), uma vez que tais avanços tem a potencialidade de resgatar o fazer artístico perante as novas exigências da sociedade.

Tal qual, para Silva *et al.*, o recorte e colagem também é uma das ramificações da linguagem da arte. Sendo usado há muito tempo para decorar igrejas, praças, entre outros, com diversos materiais, o famoso mosaico possibilita no trabalho a exploração de vários aspectos e apropriação de elementos para sua confecção. Nos primeiros anos da escola, essa atividade ajuda na coordenação motora e noção espacial com justaposição e sobreposição, reconhecer o tamanho, espessura do material e formas de encaixe. Com

isso, o aluno tem liberdade de expor suas ideias e com criatividade caprichar em seus trabalhos.

O professor, mediador da aprendizagem age como incentivador no caminho das artes e do conhecimento, pois a interdisciplinaridade é fundamental nesse processo, corrobora Silva *et al.* (2010). Se bem elaborado o plano de aula, tema de qualquer disciplina pode se unir as artes para sua fruição. O profissional deve oferecer os melhores suportes e estratégias, tanto na manipulação de materiais quanto na observação de obras.

Uma maneira interessante de trabalhar com colagem consiste em cortar ou rasgar formas de figuras de cores e texturas variadas. Começa-se recolhendo papéis, papelões e tecidos de texturas e cores diferentes. Podem ser empregados muitos tipos de papel: lisos, rugosos, brilhantes, grossos, finos. As fotografias das revistas são muito úteis, porque têm uma grande quantidade de cores diferentes (COLL; TEBEROSKY, 2004, p. 64.).

De acordo com Feldman (citado por BARBOSA, 1991), a leitura de imagens possui quatro etapas que se relacionam. A descrição estabelece a observação a fim do entendimento da obra sobre a aparência evidente, como as cores usadas, as linhas, elementos, propriedades, materiais e estilos, lugares e pessoas utilizadas para compor a obra; A análise vislumbra a relação dos elementos e suas influências como contrastes, combinações e semelhanças; A interpretação é a criação do sentido de tudo que se observou, é a emoção e a sensação diante do que se viu, e a busca de conexão com a realidade; O julgamento, por fim, é uma análise de valor sobre a imagem, se gosta ou não, se possui significado relevante para a pessoa. Esse estágio a opinião própria entra de maneira definitiva na leitura. Cabe ressaltar ainda que na leitura de imagem, tais ordens podem variar.

Para Buoro (1996), a arte representa o ser individual e o mundo, e sua leitura é particular e subjetiva. As linguagens artísticas representam ideias e simbologias que se apresentam em diversas linguagens artísticas, como em símbolos linguísticos, músicas, artes plásticas, códigos do corpo, e vários outros que refletem ideias e sentimentos do artista.

Kehrwald (2000), salienta que é na infância que se desenvolvem as construções dos símbolos e conexão do real e do imaginário, e o início do gosto e compreensão pelas produções pessoais se iniciam. Assim, a estimulação da capacidade de criar, imaginar, participar e transformar materiais devem ir além de desenhos xerocados e imagens que não corroboram com os processos criativos do aluno, que não enalteçam sua identidade e



individualidade como ser humano. Tal desenvolvimento faz com que a criança conheça os elementos artísticos e gráficos da produção, como formas, linhas, cores, texturas, tamanhos, volumes, equilíbrio, movimento para compor códigos escritos e plásticos explorados de forma a usar, compreender, transformar e incluir em suas vivências, definitivamente alfabetizando de maneira artística a criança.

Este fazer criativo que chamamos de alfabetização artística, abrange as técnicas de compor, desenhar, pintar, modelar em argila, a escultura, a gravura (xilogravura, infogravura, etc.), as instalações e tantas outras manifestações. É fundamental que o ensino das artes visuais contemple aspectos relacionados com o fazer artístico dos alunos, suas técnicas e procedimentos, a apreciação da arte entendida como leitura das imagens e a contextualização histórica que situa a obra em seu tempo e espaço e costura as ligações com o cotidiano (KEHRWALD, 2000, p. 6).

Através de uma pesquisa realizada para a confecção de um artigo sobre estudo de caso na temática estética do ensino de Artes nos anos iniciais Rossi e Helena (2005) observaram que as ideias sobre um olhar para as artes são mais avançadas e sofisticadas conforme as séries vão aumentando.

Nos primeiros anos, a preocupação maior dos alunos é decifrar as imagens e seus elementos, fazendo relações com o que conhecem do mundo e se atraem por imagens que lhes são familiares, e para eles a arte representa apenas coisas que eles conhecem como cópia idêntica do mundo e relacionam sempre com o campo concreto. De início nas aulas, os primeiros anos não conseguem formular discussões e diálogos, apenas apresentam suas opiniões, sendo, a primeira tarefa de aprendizagem artística ouvir a exposição de ideias do colega, exploram Rossi e Helena (2005).

Conforme explicam, na segunda série, eles ainda têm a noção baseada no real e se incomodam com imagens diferentes e não convencionais, julgando o artista como inapto, esquecendo que muitas vezes a obra foi feita com intencionalidade de expressão. Nos terceiros anos, as crianças conseguem aos poucos, se bem trabalhadas e estimuladas a participar com opiniões, confrontam ideias e demonstram curiosidade sobre a arte estética:

Em síntese, nas três primeiras séries, as crianças ainda manifestam, muitas vezes, uma visão realística, quando consideraram o mundo (o tema) como a fonte da beleza da obra, quando fazem narrativas, atribuem sentidos referenciais, usam critérios de julgamento como a cor, o tema e a maestria. No entanto, pode-se dizer que os avanços no desenvolvimento do pensamento estético são muitos. [...] Ao final da 3ª série, aos nove anos de idade, o pensamento estético dos alunos já é mais sofisticado do que o da maioria da população adulta. Além disso, pais e professores percebem que os alunos escrevem e interpretam

melhor a Língua Portuguesa, sendo que as redações são mais complexas e criativas. A expressão verbal é mais fluente e o vocabulário mais amplo, adequado e sofisticado. A criticidade aumentou, inclusive nos diálogos em casa e as crianças são capazes de acolher e fazer considerações sobre o ponto de vista dos colegas, expondo suas ideias com respeito a todos (ROSSI; HELENA, 2005, p. 59).

No quarto ano, com um pouco mais de maturidade, eles desenvolvem significados metafóricos, conseguindo ver além da imagem representada, mas também ideias subjetivas, assim o profissional consegue trabalhar por meio da interpretação. A partir do ano seguinte, os alunos já identificam sozinhos sobre autonomia do artista, qualidade da obra, intencionalidades da produção sem exigir realismo em tudo o que veem – conseguem analisar o uso das cores para expor sentimentos e a expressão da imagem, salientam Rossi e Helena (2005).

Como é comum na aprendizagem de qualquer disciplina, acontece também na matéria de artes, os alunos iniciam as aprendizagens de acordo com experiências que vivenciam, uma vez que o desenvolvimento cognitivo se dá a partir do entendimento de tudo que os cercam. Tal aprendizagem, para Rossi e Helena (2005) é um processo que evolui de maneira qualitativa, dependendo de estímulos oferecidos, e o desenvolvimento estético permanece por toda vida. Isso não se resume que o adulto sempre vá evoluir e passar por todos os estágios se não teve exposição aos estímulos para aprender ver as artes, ou seja, é necessário estar exposto com frequência a essa atividade.

Por isso, ousamos afirmar que alunos que vivenciam atividades de leitura estética visual durante o Ensino Fundamental alcançam uma compreensão estética mais sofisticada e adequada ao mundo da arte do que a de um adulto com formação universitária, mesmo em Ciências Humanas, e apresentam um nível de criticidade, raciocínio e fluência verbal superior ao de alunos sem essa vivência. Tampouco há necessidade de uma abordagem formalista na leitura de obras, nem do ensino da História da Arte nas Séries Iniciais, para que os alunos, ao final do Ensino Fundamental, compreendam a arte de uma maneira enriquecedora e significativa para suas vidas. Se forem respeitadas as interrogações próprias dos alunos, estes demonstrarão maior interesse e crescimento nas habilidades de leitura estética do que alunos não trabalhados com essa abordagem. Mas para isto é preciso que os professores escutem os alunos, e aprendam como eles entendem a arte. Assim saberão que atividades são mais adequadas e úteis para promover o desenvolvimento estético. A flexibilidade demonstrada na aceitação de plurivocidade de sentidos atribuídos às imagens favoreceu o entusiasmo durante as discussões e o conseqüente desenvolvimento estético. As repostas dos alunos devem sempre ser acatadas como válidas, o que não quer dizer que sejam definitivas. A partir de seus argumentos eles devem ser convidados a explicitar suas razões (ROSSI; HELENA, 2005, p. 67).

Toda arte está diretamente ligada a diversidade cultural e patrimonial de uma sociedade, intrinsecamente ligada aos costumes, ao folclore, festas, artesanatos, rituais e experiências sociais que devem agregar no currículo escolar. O aluno está sempre exposto as aprendizagens artísticas, que se dão na sala de aula, em exposições, museus, oficinas, lojas de artesanato, eventos municipais, e toda cultura popular e de massa que lhes rodeia. Kehrwald (2000) exemplifica que a escola direciona a aprendizagem e explora ações para que os alunos entendam que as aulas de Artes Visuais, não se refere a um passatempo, como muitos pensam, mas sim uma área de conhecimento local e universal de acesso à informação e formação para todos, sendo uma prática social, cultural e histórica.

### **Considerações Finais**

O intuito das artes dentro das salas de aula não é formar gênios da arte e pintores renomados, nem criar a ideia de superioridade cultural, mas sim estimular todas as capacidades dos alunos, seja de criação, de compreensão do outro, de expressão de ideias e sentimentos, de técnicas e possibilidades, enfim, muito mais do que a própria disciplina de artes, mas uma contextualização interdisciplinar abordando qualquer assunto de uma maneira mais dinâmica e criativa.

A arte visual e sua utilização nos possibilita uma compreensão mais abrangente do mundo, servindo de meio de comunicação entre pessoas e sociedades, dando condições de melhorar o entendimento do que nos cerca e compreender de maneira racional nossas emoções e movimentos do nosso corpo. O entendimento da sociedade em que estamos inseridos e as manifestações culturais é fundamental para sabermos sobre nossa identidade e nossas questões de pertencimento além de ampliar a visão que temos do outro e também aprender com eles.

Para quem produz a arte, ele cria além do que nossos olhos podem ver, imerso em sua intensidade, subjetividade e sensibilidade, muitas vezes abordando temas com capacidade de uma visão crítica, que nos gera reflexão a partir de um quadro, uma música ou um poema.

A arte tem uma linguagem própria, ou mais que isso, várias linguagens que se expressam por si só, e o artista coloca toda emoção e talento nessa tarefa, e perante o desenvolvimento humano, ela pode expressar o ponto de vista de diferentes povos e épocas, divulgando costumes e valores.

Dentro dos muros da escola, quando bem refletida, a disciplina de artes tem o

potencial desenvolver o pensamento artístico bem como percepção estética, dando sentido as vivências humanas e provocando no aluno a sensibilidade, imaginação e percepção, ou seja, conhecer o universo artístico e assim compreender o seu.

O estudo da arte desperta desde o menor aluno ao interesse pela arte, uma vez que fora da escola ele não tem acesso e muito menos estímulo para tal ação. Também cabe ressaltar que com as artes é possível estimular habilidades que auxiliarão em diversas outras tarefas, como visto no texto acima, que pode influir na alfabetização, raciocínio lógico-matemático, etc.

## **Referências**

- BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- BARBOSA, A. M. Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. **Estud. av.**, São Paulo, v. 3, n. 7, p. 170-182, dez. 1989. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141989000300010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141989000300010&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 27 nov. 2019.
- BARBOSA, A. M. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.
- BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: MEC, 1996.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares nacionais para o ensino de arte**. Brasília, DF: MEC, 1996.
- BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília, DF: MEC, SEB, 2010.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**, Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BUORO, A. **O olhar em construção**. São Paulo: Cortez, 1996.
- COLL, C.; TEBEROSKY, A. **Aprendendo arte: conteúdos essenciais para o ensino fundamental**. São Paulo: Ática, 1999.
- FELDMAN, E. Importância da imagem no ensino da arte: diferentes metodologias. *In*: BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 1991. p. 27-82
- KEHRWALD, I. P. Ler e escrever em artes visuais: um compromisso de todas as áreas.

In: NEVES, I. B. **Ler e escrever: um compromisso de todas as áreas**. 3. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade, 2000. p. 21-31.

MOREIRA, J. C. C.; SCHWARTZ, G. M. Conteúdos lúdicos, expressivos e artísticos na educação formal. **Educar**, Curitiba, n. 33, p. 205-220, 2009. Disponível em : <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/29847/S0104-40602009000100014.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 28 nov. 2019.

ROSSI, W.; HELENA, M. A estética no ensino das artes visuais. **Educação & Realidade**, v. 30, n. 2, p. 49-69, julho-diciembre, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3172/317227042018.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2019.

SCHWARTZ, G. M. A Arte no contexto da Educação Física. **Revista Motriz**, v. 5, n. 1, p. 49-51, 1999.

SÃO PAULO (Estado). **Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. 2. ed. São Paulo: SE, 2011.

SILVA, E. A. da.; ET AL. Fazendo arte para aprender: A importância das artes visuais no ato educativo. **Pedagogia em Ação**, v. 2, n. 2, p. 1-117, nov. 2010. Disponível em: <https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&q=Pedagogia+em+a%C3%A7%C3%A3o%2C+v.2%2C+n.2%2C+p.+1-117%2C+nov.+2010+-+Semestral>. Acesso em: 27 nov. 2019.